

Commovido por tanta miseria e por tam bons sentimentos o Khodja esqueceu a firmeza de suas resoluções, esqueceu a sancta peregrinação, esqueceu tudo quanto havia sonhado e esperado á tantos annos. A compaixão cegou-o, e o ouro que elle destinára para a viagem, correu pelas mãos da pobre Kitcha.

— Toma, Kitcha, é o propheta, que te recompensa. Corre á tua familia; aqui tens pão para muitos dias.

Kitcha arroja-se aos pés de Nasr-el-Dine, abraça-os, e erguendo-se radiante, foge para sua casa, onde esse ouro vai fazer brilhar a maior alegria.

A alma de Nasr-el-Dine saboreou esta bôa acção, como a terra dessecada por um sol ardente saborêa o beneficio de uma chuva generosa. Mas de repente o Khodja suspendeu-se: é que só então se lembrou de que com a perda de seu thesouro perdiam-se tambem suas charas esperanças; e pela primeira vez elle se arrependeu de haver levado aos labios do pobre a taça da charidade. Entrou para a casa, e deixou-se abysmar em sua dor.

No dia seguinte esteve ainda outra vez Nasr-el-Dine no cume do monte Kattan. Ao ver distender-se pela planicie a numerosa e solemne procissão dos peregrinos, rios de lagrymas lhe inundaram as faces. Desarmavam-se as derradeiras barracas do acampamento, e carregavam-se os camellos; dizia-se adeus aos que ficavam e beijavam-se as mãos aos eleitos. O immenso rumor, que se levantava do meio da multidão, era para a consciencia de Nasr-el-Dine a voz formidavel dos remorsos. Chorou immenso; e quando a ultima fila dos peregrinos perdeu-se no horisonte, pareceu-lhe que su'alma o abandonava para correr em seguimento da sancta caravana. Os derradeiros raios do sol ainda o deixaram na montanha com a cabeça voltada para esse ponto luminoso, que indicá a estrellá do propheta.

Entretanto os dias do Khodja passavam-se tranquilllos; elle admirava-se de sentir uma paz interior, que tam pouco se casava com a perda de suas esperanças. Sonhos felizes vinham abrihantar-lhe as sombras da noite, e algumas vezes o seu desânimo cedia ao doce incanto de uma voz celeste, que em sua consciencia lhe dizia: — « Nasr-el-Dine, confia na Providencia; Allah não te abandona. » — Não ousando pensar sem desespêro n'esse bema-venturado lugar, que lhe não era possivel visitar, o Khodja procurava esquecer os peregrinos, porque esta idéa, apezar da simplicidade e candura de sua alma, lhe despertava no coração um sentimento de inveja.

Em fim gritos de alegria em todo o Cairo annunciam a volta da piedosa caravana. Todos se apressam em correr ao encontro dos peregrinos; só Nasr-el-Dine se fecha em sua casa, a chorar e a re-

zar. De repente mil vozes pronunciavam seu nome; elle sai; ao verem-no, os mais veneraveis dos *hadjis*, que se achavam em frente de sua porta, lançam-se á seus pés, e beijam-lhe os vestidos e as mãos. Uma perturbação extranha se apodera de Nasr-el-Dine:

— Que é isto, *hadjis*? vós a meus pés? exclama elle. Donde me vem esta honra immerecida, que desagradará sem dúvida ao propheta? Eu é que devo cahir á vossos pés, e beijar o sagrado pó de vossos sapatos.

— Para que dissimulares? respondeu o mais velho dos *hadjis*: bem sabemos, que és amado do propheta. Dize-nos, Nasr-el-Dine: por que caminhos vieste? Eras dos nossos quando iamos; edificavas-nos á todos com a tua piedade, e com o teu procedimento tam conforme com o rito da peregrinação. Foste tu quem nas sallas de Minèh escolheu pedras mais redondas para lança-las ao *antro do diabo*, no monte Arafat. A coragem, com que supportavas na viagem as fadigas, as privações, e os jejús, enchia de admiração aos mais velhos de nossos companheiros, assim como antes da viagem tuas virtudes, tua bondade, tua charidade, tua habilidade para explicar as leis da nossa religião, e descobrir os segredos da sciencia, enchião de nobre orgulho a tua cidade natal. Dize-nos como voltaste, Nasr-el-Dine; em verdade, era preciso que o propheta te mandasse transportar por um de seus servos do paraizo, para que podesses atravessar o deserto.

Nasr-el-Dine, tomado da mais viva commoção desfez-se em lagrymas. Começava então a explicar-se em seu pensamento aquella paz, que elle havia saboreado durante a peregrinação, e o seu espirito começava a presentir os disignios de Allah. Faltavam-lhe as forças para resistir ao aballo, que em sua alma produziu tamanha felicidade; desmaiou. Levaram-no para a casa, e a doce voz, que tantas vezes fizera adormecer a sua dor, veio ainda revelar-lhe a solitudine do ceo em favor d'elle. Allah, conhecendo a virtude de seu servo, ordenára ao Anjo da charidade, que se revestisse com a figura de Nasr-el-Dine, e fizesse em seu lugar a romaria á Méca, devendo todos os meritos d'ella ser levados em conta d'este piedoso crente, que por meio da beneficencia lhe rendia tam digna adoração.

Espalhou-se esta nova pelo Cairo; todos queriam fallar ao *Khodja*, e ver o favorito do propheta. Desd'então até a morte d'elle todos os annos se reproduzia o mesmo milagre: faziam os peregrinos sua romagem á Méca em companhia da figura de Nars-el-Dine, representada pelo Anjo da charidade.

A veneração que se tributava ao *Khodja* erigiu-lhe um tumulo entre os dos Califas; o Egypto, dando-lhe um logar honroso entre

os seus soberanos, quiz dest'arte render homenagem á misericórdia de Allah, assim como ás virtudes de seu servo.

Trad. — J. C. C. R.

A ORPHAN.

Ah ! pleure, fille infortunée !...

CAS. DELAVIGNE.

I

Orphan !... que palavra triste, oh meu Deus ! os meus labios não ousam proferi-la... mas o coração m'a repete a todo o instante !

Orphan !...

Quando me lembram aquelles dias côr de rosa, tam alegres, tam bellos, que passei no regaço da paz e da innocencia,—abrigada sob os disvellos, de meus paes... ah ! que saudades que tenho !

E quando os comparo com o futuro que se me antolha tam carregado, tam negro, tam pavoroso... que horror que se apodera de minha alma !

II

Olhos meos, porque vos não tolda uma névoa eterna ? !

Porque haveis de descortinar-me ainda esses risonhos quadros de alheia felicidade, que me dando a beber no calice da inveja, fazem-me estallar de dor o coração ? ! por que heide ver ainda os ledos risos do innocente filhinho, que voando aos braços, maternos, vai cubrir-se de beijos e de afagos ? !

Olhos meus, porque vos não tolda uma névoa eterna ? !

III

Entre as pompas da riqueza, entre os prazeres do mundo, eu existo sózinha, desaperecebida, triste, desconsolada, como, rojando pelo chão dos jardins a folha emmurhecida do arbusto desprezado !

Eu caminho por um areial infindo, abrasada de sêde, queimada pelos raios de um sol ardente, sem divisar no horizonte si quer um fraco vislumbre de lisonjeira esperanza !

IV

Sombras negras da noite, quanto harmonisaes com as trevas de minha alma !

Oh natureza, aonde tens occultos aquelles attractivos, com que outr'ora me incantavas?...

Desponta alegre a manhan, e as suas galas ainda mais me entristecem; a sua luz rutilante, esclarecendo a meus olhos o miseravel quadro da minha solidão, mais lugubre me torna este abandono em que vivo!

Passei o dia a chorar. Quando porêm á tardinha olhava o sol a descahir para as bandas do occidente, ah! como se me apertou de angustia o coração!... estancaram-se-me as lagrymas... mas porque a dor crescia! O declinar do astro suberbo me representava o de minha felicidade tam breve, deslisando-se para o abysmo da mais horrivel desgraça!

Si a minha phantasia desvairada ousou doirar-me algum sonho com as falsas côres de uma esperança louca, tam rapida como elle eu senti sumir-se ésta esperança no pego do desespêro.

Sombras negras da noite, quanto harmonisaes com as trevas de minha alma!

V

Outros folgarão com o teu bello assomar, oh lindo astro nocturno! outros, não eu.

O meu rosto está pallido, como os teus raios. E assim como os vais infiando, macilentos e froixos, entre éstas sombras tristonhas, assim penetra agora na noite de minha alma a baça luz de mil saudosas lembranças.

Ah! foi tam feliz, tam doce a primeira quadra de minha vida!... Quem com a mais amavel companhia passasse longos dias n'uma paz imperturbavel, na paz do campo, no silencio de um bosquete, sôbre um leito de relva fresca e macia, respirando o aroma das flores, acalentado pela harmonia dos passaros, ouvindo os mil suspiros da natureza, imbebido em delicias ineffaveis... não os passára mais bellos e apraziveis do que aquelles que passei no regaço de meus paes.

Hoje.... Correi lagrymas tristes! hoje... so me é dado chorar!

Oh sentimento nobre, que impelliste meu pai á morte! sancta dedicação, que quebraste em beneficio da Patria o unico esteio de uma familia pobre! quão mal foste recompensada!...

Hora fatal, em que elle ouviu os brados de desesperação d'esta terra, á que jurou dar seu sangue e sua vida,—hora fatal! porque me não roubaste antes ao mundo, quando contra seu peito me apertavam os braços de minha infeliz mãe que, chorando, parecia antever o resultado d'quella separação cruel?!

Oh minha mãe, porque não haviamos de voar junctas á eternidade, quando exhalaste em meu seio o teu suspiro derradeiro?!

Tive forças para resistir ao transe por que então passei : ainda tinha meu pai...

Em minha austera pobreza, ja quasi nada restava para prover ás necessidades que sentia ; mas a esperança de tornar a vê-lo menos feia me tornava a solidão, menos penoso o meu triste desamparo.

Elle porém devia de me sacrificar ao bem do seu paiz : pobre soldado, morreu no campo da honra ; e eu... orphan... fiquei no da miseria !...

Hora fatal, em que elle ouviu os brados de desesperação d'esta terra, á que jurou dar seu sangue e sua vida,—hora fatal ! porque me não roubaste antes ao mundo ? !

J. C. R.

AUSENCIA.

Des que vi o teu rosto gentil,
Me consummem as chammas d'amor ;
Minha vida é continuo penar,
Da saudade exp'rimento o rigor.

Teu semblante formoso, fagueiro,
Trago sempre na mente gravado ;
Podesse eu, como o tenho na idéa,
Tê-lo sempre tambem a meu lado.

Mas se vives ausente de mim,
Que me importa esta vida tardia ?
Que me importa, se em vez de teus risos,
Dá-me a sorte o pungir da agonia ?

Só me apraz os teus mimos gozando,
Junto a ti os meus dias passar ;
Ou alegre sorrir-me contigo,
Ou magoado, contigo chorar.

F. J. R.

A ALVA

JORNAL LITTERARIO.

PUBLICA-SE

uma vez por mez, contendo cada numero de 12 a 20 paginas.

Recebem-se assignaturas na Cidade Alta em casa do Snr. Francisco Fernandes Lima, Rua Direita, N. 75, e no Varadouro na loge do Snr. Antonio Alexandrino Lima, Rua das Convertidas, N. 16.

Preço da assignatura Rs. 28000 por semestre.

es